

RUBEM BRAGA ANALISA AS ELEIÇÕES AMERICANAS

NOVA YORK, novembro (Pela VARIG) — A invasão do Egito pelas forças de Israel, França e Inglaterra estourou como uma bomba entre os últimos discursos da campanha presidencial norte-americana.

"VOTOU" POR EISENHOWER A CRISE DO ORIENTE-MÉDIO

Ficamos até alta madrugada assistindo a dramática reunião da Assembléia Geral Extraordinária das Nações Unidas, mas no meio daquele debate internacional de alta gravidade não podíamos esquecer uma interrogação menor: essas bombas que estão caindo no Egito «votam» por Eisenhower ou por Stevenson?

O candidato democrático tratou de explorar imediatamente a situação, e o fez com felicidade. Sua autoridade era grande, pois há muito tempo ele propuzera que soldados das Nações Unidas fôsem postos como guardas da paz em todas as fronteiras que separam Israel dos países árabes, até que se chegasse a um acôrdo satisfatório. Os êrros da política de Dulles, êles os comentou àesperamente.

OS ERROS DE DULLES

Lembrou que ainda a 12 de outubro, em um discurso eleitoral, Eisenhower se gabara de que as coisas no Oriente Médio estavam indo muito bem, e que domingo passado Dulles dissera que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França «estavam desenvolvendo uma política comum» no caso de Suez e que as relações dos Estados Unidos com aqueles dois velhos aliados «nunca foram tão boas». Explicou o fracasso da política americana no Oriente Médio pelas flutuações da atitude de Dulles. Este começou por entregar ao ante-

cessor de Nasser, general Naguib, uma pistola como presente pessoal do general Eisenhower, o que positivamente não agradou nada aos israelitas. Insistiu depois junto à Grã-Bretanha para que esta retirasse suas tropas da zona do Canal de Suez, sem que se tomasse nenhuma providência para o contrôle internacional do canal. Começou, entretanto a irritar o Egito com o Pacto de Bagdá; depois prometeu armas a Nasser e não as forneceu, abrindo uma oportunidade para que os russos o fizessem. Continuou a irritar Israel recusando-se também a lhe fornecer armas ou garantir sua integridade. Ganhou inteira animosidade de Nasser quando, depois de prometer que os Estados Unidos financiariam a construção da grande represa de Aswan retirou essa promessa.

Enfim, a política norte-americana (segundo Stevenson) foi de tal sorte que deu à Rússia duas grandes vitórias: a primeira foi permitir sua intromissão nos países árabes, a segunda foi a quebra da aliança ocidental. Três democracias — Israel, França e Inglaterra — resolveram ignorar os Estados Unidos; não consultaram nem sequer avisaram Washington na hora de tomar uma atitude.

STEVENSON TEM RAZÃO EM SUAS CRÍTICAS

Stevenson, em seu discurso, citou, sem referir o autor, uma frase de Reston, o jornalista que é considerado o melhor comentarista internacional em Washington: «os Estados Unidos perderam o contrôle dos acontecimentos em áreas vitais para sua própria segurança». Lembrou que o Oriente Médio é uma das áreas estra-tégicamente mais importantes do mundo, que ali estão três quartos das reservas mundiais de petróleo conhecidas, e que seu domínio representa o contrôle das comunicações terrestres, aéreas e marítimas de três continentes: Europa, Ásia e África. Pois nessa zona — advertiu Stevenson — o prestígio norte-americano desceu a um nível baixíssimo.

O ARGUMENTO DE EISENHOWER

É bem típico da recente campanha o fato de não terem estado os partidários de Eisenhower, nem êle próprio, respondendo aos argumentos de Stevenson. Seria na verdade muito difícil para êles rebater êsses argumentos e explicar o otimismo com que até poucos dias atrás Eisenhower e Dulles davam «boas notícias» sobre o Oriente Médio. Muito antes de se agravar a atual crise, Stevenson já zombará públicamente dessas «good news».

Na verdade os republicanos tinham apenas um argumento, mas êste argumento era enorme e tinha um nome: chama-se Dwight David Eisenhower. Uma grande parte do povo americano tem em relação a Ike um sentimento de natureza filial. Êle é visto como o pai, o chefe supremo, o homem capaz de ganhar uma guerra e fazer cessar outra — como fez na Europa e depois na Coréia. Sua simpatia pessoal, sua bondade e sua retidão de caráter impressionam as massas: êle personifica a segurança, a paz, a prosperidade. Já centenas de oradores e comentaristas americanos repetiram agora uma velha frase que é o mesmo lugar comum português de que «na hora da tormenta não se muda o timoneiro». Podem os democratas responder que foi por culpa desse timoneiro que o barco se viu diante de uma tormenta. Os republicanos perguntam: «no momento em que o mundo parece querer pegar fogo vocês preferem ser governados por um militar altamente capaz e eficiente ou por um político falastrão que não entende desses assuntos?»

Se o leitor me permite uma opinião pessoal, aqui vai: Stevenson tem razão em suas críticas, mas o conflito de Suez «vota» por Eisenhower. Nesse clima emocional o recente apêlo (que me parece altamente razoável) de Stevenson pela suspensão das experiências com a bomba de hidrogênio, assim como sua proposta de acabar com o recrutamento obrigatório não encontram êco — ou têm um efeito de «boomerang». Esta é pelo menos minha impressão, mas só no dia 6 saberemos a verdade.

7.11.55